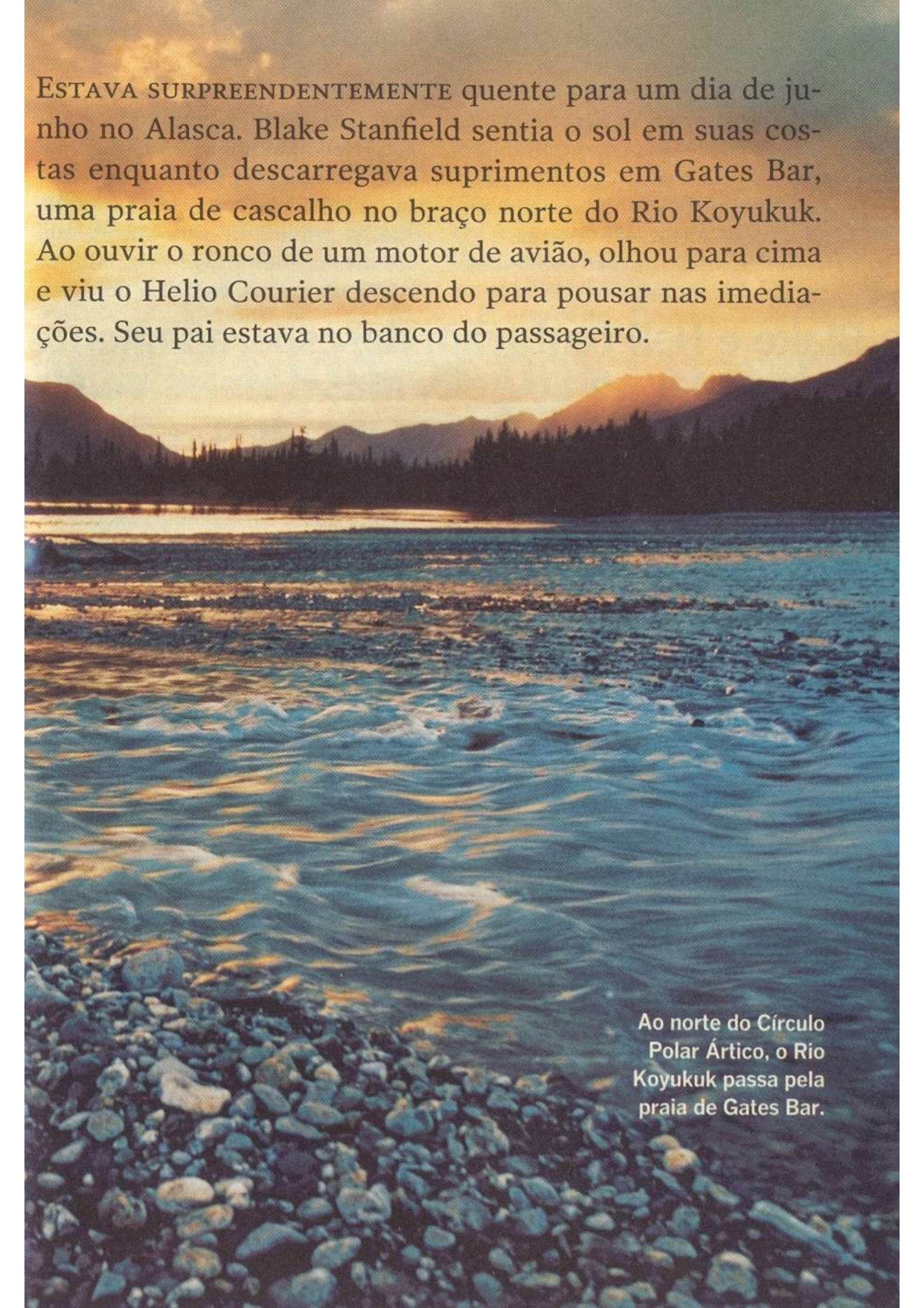


**Era o presente perfeito para seu pai
- uma aventura num rio do Alasca.
Até o barco virar na água gelada.**

POR ANDREA COOPER

LEVADOS PELO RIO

ESTAVA SURPREENDENTEMENTE quente para um dia de junho no Alasca. Blake Stanfield sentia o sol em suas costas enquanto descarregava suprimentos em Gates Bar, uma praia de cascalho no braço norte do Rio Koyukuk. Ao ouvir o ronco de um motor de avião, olhou para cima e viu o Helio Courier descendo para pousar nas imediações. Seu pai estava no banco do passageiro.



Ao norte do Círculo Polar Ártico, o Rio Koyukuk passa pela praia de Gates Bar.

“Você não acredita em quantas pegadas de ursos existem aqui!”, exclamou Blake enquanto caminhava ruidosamente pelo cascalho. Pegadas de caribus e lobos também apontavam na direção da água.

Neil Stanfield, consultor imobiliário em Oklahoma City, começou a

do *cataraft*. Blake, clínico geral, não queria que essa aventura fosse árdua para Neil, que tinha se submetido a uma cirurgia no pé apenas dois meses antes. Blake prometeu à mulher, Shelly, grávida de sete meses, que ele mesmo não exageraria. Ela receava entrar em trabalho de parto

Blake e Neil tentaram desesperadamente agarrar-se ao gelo, mas o rio os venceu

levar o filho para caminhadas em parques nacionais no Novo México, no Texas e em Montana quando Blake tinha 7 anos. Ambos adoravam a vida ao ar livre, mas não faziam uma viagem juntos havia anos. Então, para comemorar o aniversário de 65 anos do pai, Blake planejou uma expedição tranqüila de seis dias num bote inflável de fundo chato chama-

prematureo sem ter o marido a seu lado.

O degelo da primavera chegou tarde à região e os Stanfields seriam os primeiros a descer o rio na estação. Tinham provisões suficientes, incluindo salsicha e pão.

Os dois homens inflaram os flutuadores e montaram a estrutura de alumínio de dois lugares do *cataraft*. No jantar à margem do rio, eles repassaram o plano de flutuar 145 quilômetros para o sul, terminando na cidade ribeirinha de Bettles, com paradas para caminhadas, refeições e descanso. Naquela noite, dormiram lado a lado numa única barraca.

O dia seguinte amanheceu tão quente que Blake saiu descalço, vestindo apenas camiseta, calção e colete salva-vidas. Ansioso para pescar, Neil vestiu ceroulas, colete salva-vidas, protetores impermeáveis para pernas e calçou botas.

Às 13 horas, desatracaram. Como o rio corria rapidamente, a mais de 16 km/h, Blake usava os remos mais para cor-



rigir o rumo. O gelo cobria as margens como uma couraça blindada. Às vezes, blocos de gelo se desprendiam, caindo na água com baques ruidosos.

O Koyukuk continuava a se desdobrar entre desfiladeiros rochosos. Para Neil, esta região selvagem e isolada, tão diferente das planícies

ma do ponto de congelamento. Pela estranha luz filtrada através do gelo, Blake viu o pai atrás dele, sendo atirado de um lado para outro. “Mantenha o pés à sua frente!”, gritou. Essa era a posição que ofereceria a melhor proteção caso se chocassem contra as pedras.

Por cerca de 25 metros ou mais os

arrastando-os para baixo.

de Oklahoma, era absolutamente linda. Os dois pararam umas duas vezes para filtrar água e caminhar pelos bosques de abetos e bétulas.

Chegando a outro entroncamento, viraram à esquerda para o canal principal. Quando fizeram a curva, porém, viram uma parede de gelo – de 60 centímetros de altura e 100 metros de largura – que cobria o rio e suas margens. O bote, flutuando num ângulo de 45 graus em relação à correnteza, agora virava de lado, ficando paralelo à geleira. O flutuador direito chocou-se contra a geleira e levantou a lateral. O flutuador esquerdo afundou, levado pela correnteza. Em seguida o barco virou.

Blake e Neil debateram-se desesperadamente para se agarrarem à borda do gelo, mas o rio os venceu, arrastando-os para baixo.

Jogado de um lado para outro, Blake veio à tona numa pequenina camada de ar, com cerca de 20 centímetros de altura, aberta sob o gelo pela correnteza. Mal havia espaço para tragar o ar. A água era horrivelmente gelada, um grau ou dois aci-

dois foram levados pela correnteza; depois, vieram à tona. Mas à frente encontrava-se outra parede de gelo, e mais uma vez eles foram arrastados para baixo. Desta vez, sem o bolsão de ar sob o gelo.

Vou morrer, pensou Blake. Nunca mais veria Shelly, nem o filho, Heath, nem o bebê ainda por nascer. E seria responsável pela morte do pai. Sentiu um imenso remorso.

Neil estava aterrorizado. Tampou o nariz e prendeu a respiração. O rio o levava a se chocar contra o teto, batendo o rosto e a cabeça contra o gelo. Ele começou a perder a consciência.

De repente, estavam livres. Mas separados. Blake emergiu e se arrastou em direção à margem, procurando o pai. Rio abaixo, ele viu um ponto amarelo sendo arrastado, e foi correndo atrás dele pelas margens geladas, disparando pelos bosques e em seguida de volta ao gelo.

Um remo veio à tona na água perto de Neil e ele o agarrou. Isso o ajudou a manter-se à tona num local raso. Seu peito arfava enquanto lutava pa-

ra respirar. “Você tem de nadar até aqui”, gritou Blake. Encontrou um tronco e o estendeu a seu pai. Neil o agarrou e Blake o puxou.

Neil tremia tanto de hipotermia que parecia estar sofrendo uma convulsão. Como médico, Blake sabia que uma água tão fria como aquela poderia matar em minutos. Precisava aquecer o pai. Examinando os bolsos, descobriu que ainda tinha o isqueiro à prova d’água. Quase todos os outros suprimentos – comida, barraca, roupas – estavam perdidos. Fez uma fogueira, tão rápido quanto pôde. Depois, construiu um pequeno abrigo com ramos de abeto e chão de grama, e empilhou pedras para fazer uma proteção para a fogueira. Durante a noite, os dois se revezaram para alimentar o fogo, dormindo por breves períodos.

Seu acampamento estava perto de um riacho tão saturado de ferro que o gelo e as pedras estavam mancha-

relas a fim de se manterem aquecidos e visíveis.

Blake pretendia se dirigir à cidade de Bettles, a 100 quilômetros de distância. Mas havia um problema – uma linha fina e azul no mapa.

– Como pretende contornar esse rio? – perguntou Neil.

– Vou seguir rio abaixo até encontrar uma forma de atravessá-lo – respondeu Blake.

O Rio Tinayguk parecia pequeno no mapa. Blake partiu e logo descobriu que caminhar na tundra era como pisar em bolas de boliche. A grama crescia em tufo e, quando ele escorregava, seus pés afundavam na neve derretida. Para manter os ursos a distância, ele cantava alto as músicas que tocava para o filho, Heath. Para se alimentar, comia formigas e aranhas. O sabor era ácido.

NA TARDE de sábado, Neil tinha estabelecido uma rotina: deitar no peque-

Blake percebeu movimento – o maior urso-negro que ele já vira

dos de laranja. Sabendo que ninguém daria falta deles por uns seis dias, na manhã de sábado Blake decidiu sair para procurar ajuda enquanto ainda tinha forças. Pai e filho dividiram seus escassos pertences. Blake ficou com o isqueiro, a faca, o protetor labial e o mapa. Levou as ceroulas e botas de Neil, que ficou com a camiseta, o calção e os protetores impermeáveis de perna. Ambos vestiam coletes salva-vidas ama-

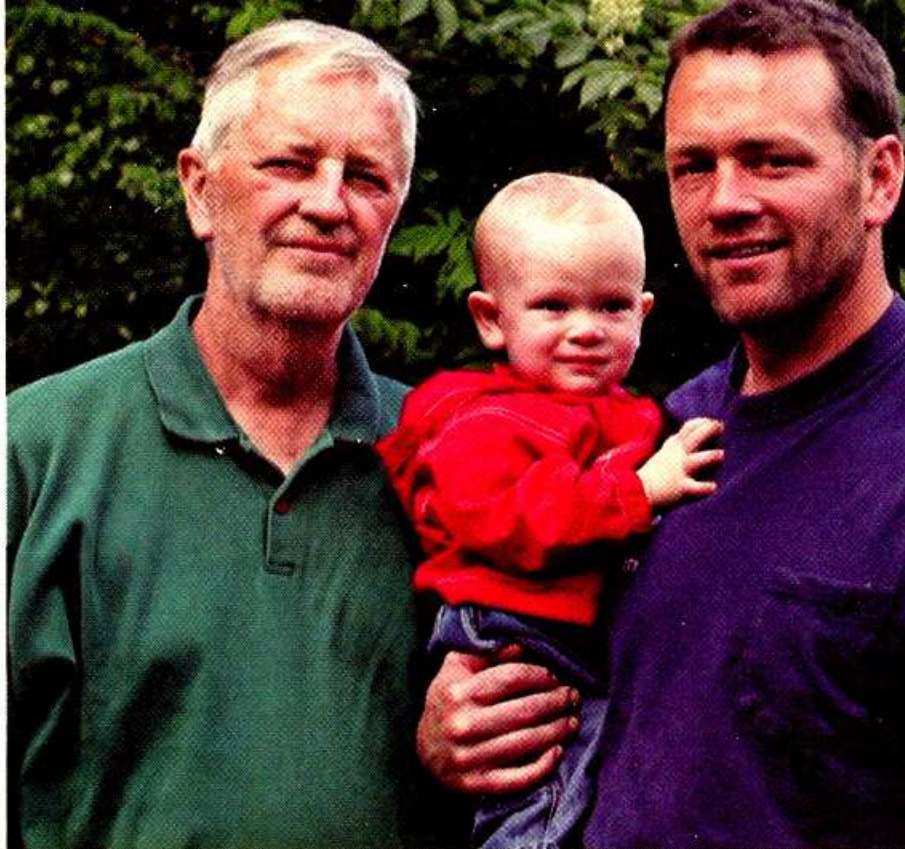
no abrigo para evitar queimaduras de sol, catar lenha, alimentar o fogo, beber água do rio e dormir. Fazer tudo isso de novo. Uma vez, dormiu demais e teve de trabalhar febrilmente para reativar a fogueira, que o ajudaria a enfrentar a noite fria.

Para manter os ursos afastados, fazia barulho e gritava: “Sou o rei do vale! Se quiser falar com o rei, tem de falar com o bobo da corte! Que sou eu também!”

Mas foi Blake que encontrou um urso. Na tarde de sábado, ele percebeu movimento – o maior urso-negro que já vira, talvez com uns 220 ou 270 quilos. Blake se agachou e tentou manter uma árvore entre ele e o animal. Seu coração batia rápido enquanto o urso se movia sem percebê-lo. Depois disso, cantou mais alto.

No fim da noite de sábado, encharcado e cansado de atravessar a nado um canal, Blake alcançou o Tinayguk. O mapa o tinha enganado – o rio não era uma linha azul fina. Era quase tão largo quanto o Koyukuk, e gelado demais para nadar nele. Além disso, Blake estava muito fraco. A hipotermia o mataria.

Cheio de arrependimento pelo perigo em que acreditava tê-los colocado, Blake decidiu voltar até onde es-



Neil e Blake Stanfield têm uma extraordinária história para contar a Heath e outras gerações.

tava assando. Ele se enroscou debaixo de seu abrigo para fugir do sol. Mas uma brasa do fogo atingiu o teto e incendiou os galhos secos. Neil não tinha como carregar água. Impotente, viu seu abrigo virar cinzas. Depois, sem uma faca, com as mãos feridas pelo gelo, começou a construir outro.

com uns 220 ou 270 quilos.

tava o pai. Encontrava-se tão longe do local do acidente que ninguém o procuraria ali. Molhado e infeliz, achou um lugar para fazer uma fogueira, deitou-se junto a ela e dormiu.

Ao meio-dia de domingo, ele por fim se aproximou do entroncamento do Tinayguk e do Koyukuk, e de uma ampla praia de cascalho descampada. Às vezes, os pilotos sobrevoavam esse lugar e talvez o vissem.

Blake estava congelando. Neil es-

Na segunda-feira, o terceiro dia sem comida, os dois se sentiam cada vez mais fracos. Blake estava certo sobre os aviões – tinha visto vários voando a 3 mil metros de altura, mas não conseguiam vê-lo. Ele decidiu fazer um sinal de fogo. O rio arrastara pés de abetos de 9 metros de altura para uma aglomeração de troncos próxima. Mesmo os pequenos pesavam 45 quilos. Blake lutou para arrastá-los até a fogueira e ficou exausto.

Na manhã de terça-feira, Dirk Nickisch, ex-piloto de Coldfoot, Alasca, levou várias pessoas num vôo panorâmico. No meio do passeio, avistou um bote no rio. Cerca de cinco minutos depois pensou ver algo se movendo numa praia de cascalho. Voou baixo para olhar mais de perto.

AO OUVIR UM avião, Blake pulou de pé. Agarrou seu colete salva-vidas e correu para a praia, sacudindo os braços feito um louco enquanto o avião roncava sobre as copas das árvores e voava acima dele. Ele caiu de joelhos. *Por favor, deixe que me vejam e saibam que estou em dificuldades.*

É UM HOMEM, percebeu Dirk. Parece que está rezando. Ele balançou as asas para avisar que o tinha localizado e voou, voltando para o bote.

Haveria outras pessoas envolvidas?, pensou ele. O bote estava virado, mas ele não via o acampamento. Não havia lugar para pousar e ele estava queimando combustível, o que o obrigaria a retornar à base.

De volta a Coldfoot, a mulher de Dirk pediu um helicóptero de resgate enquanto Dirk carregava suprimentos de emergência – sacos de dormir, pacotes de alimentos, frutas e um rádio de avião embalado em espuma e fita para jogar para o homem na praia de cascalho.

BLAKE CONTINUAVA a examinar o céu. Já haviam se passado duas horas desde que o avião sobrevoara a área, inclinando a asa. Teria sonhado?

Até que ele voltou. E deixou cair algo. Blake encontrou o rádio. “Estou bem”, disse ele a Dirk, “mas meu pai estava comigo. Você o viu?”

Dirk não o tinha visto. Voou de volta ao bote. Vinte minutos mais tarde, ele chamou: “Pode confirmar a localização de seu pai? Estou tendo dificuldades para encontrá-lo.”

O coração de Blake gelou. Teria acontecido algo a seu pai? Ele está perto de um estranho rio alaranjado, Blake contou ao piloto. Dirk passou mais uma vez – mais duas vezes. Só então avistou algo amarelo. Um colete salva-vidas? Não era seguro pousar onde Blake ou Neil estavam, mas transmitiu as coordenadas para uma equipe de resgate do Exército em Fairbanks.

O helicóptero pegou Blake primeiro. “Você está horrível”, disse ele, engasgando com o riso e as lágrimas, quando o pai embarcou.

“Você também não parece nada bem”, disse Neil ao filho.

Seus rostos estavam esqueléticos, os corpos cobertos de sujeira e fuligem. Mas ambos tinham resistido. Neil sobreviveu à surpresa de seu aniversário e Blake viveu para ver o nascimento de seu segundo filho, Jes.

SEM MODÉSTIA

Eu sei sempre do que é que estou falando. Tirando isso, não sei mais nada.

MILLÔR FERNANDES